

#23 | SETEMBRO | 2011

BETAR & ARTES & LETRAS

Música Viva

*Um novo festival, ponto de convergência
entre música e tecnologia*

B
Betar

ENTREVISTA
ARQ.
CARRILHO
DA GRAÇA

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS OLHAR PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt


Betar

Este mês a Artes&Letras completa dois anos.

Nesses dois anos, procurámos seleccionar os melhores eventos culturais para agradar aos nossos colaboradores. E nesses dois anos crescemos, enquanto empresa, para prestar um serviço cada vez melhor.

Para o futuro os propósitos mantêm-se. E é nesse encadeamento que surge mais um número da Artes&Letras.

Para a despedida do verão, destacamos o Festival de Flamenco de Lisboa e um espectáculo coreográfico de Boris Charmatz, bem como o início da temporada de música clássica nos três principais palcos de Lisboa, para o efeito.

Nas artes, prestigiamos a produção nacional com mostras de Pedro Cabrita Reis e dois espólios do Museu do Chiado e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Setembro é também o mês de inauguração das temporadas dos teatros. Israel e Amadeus são as peças em evidência no Teatro Maria Matos e no Teatro Nacional Dona Maria II.

Lá Fora relevem-se as exposições de Antonio Lopez e Lygia Pape e na página do Porto saiba tudo o que pode fazer na cidade, durante este mês.

À semelhança de edições anteriores, a Artes&Letras falou com mais um arquitecto. Desta vez foi o Arq. Carrilho da Graça que nos abriu as portas do seu atelier.

MARIA DO CARMO VIEIRA

EDITORIAL

‘Os arquitectos estão sempre a tentar comunicar, de uma forma perfeita, aquilo que pensam (...). Eu não posso dizer que há uma que é ‘a’ obra. Vou sempre tentando a perfeição’.



ISCAL (maquete)

As palavras são do
Arq. Carrilho da Graça.
 Por Cátia Teixeira

Li num blog, que ‘talvez o maior elogio que se possa fazer a João Luis Carrilho da Graça seja reconhecer, nos seus mais recentes projectos, uma recusa em se sujeitar a um espartilho de estilo ou linguagem’. Concorda com esta afirmação?

Eu acho que qualquer arquitecto deve pensar que não se sujeita ao espartilho de um estilo, apesar de, na realidade, constatarmos que há muitas recorrências, situações que acabam por acontecer repetidamente. Mas ainda há pouco tempo um colega meu, Antonio Jiménez Torrecillas, disse que ‘quando de decide o sistema construtivo já grande parte das decisões estão tomadas, em relação ao projecto’. E uma poetisa espanhola referiu que ‘quando se usa arroz, leite e açúcar sai sempre arroz doce’. Isto significa que há certos pressupostos, na maneira como se constrói, e que tomamos decisões naturais, nas quais nem pensamos muito, que estão relacionadas com tradições de construção e com os sistemas construtivos que adoptamos mais. Eu procuro sempre a simplicidade.



Colégio dos Moços, em Évora

O ideal é conseguirmos construir de uma maneira relativamente simples, mesmo que seja sofisticada. A ideia é que os resultados dêem mais importância à vida que vão suportar do que propriamente aos aspectos da sua construção.

A sua arquitectura bebe mais do espaço onde se vai inserir ou das experiências que o marcaram ao longo da vida?

Eu dou muita atenção ao espaço onde os edifícios se inserem. A relação com os sítios é muito importante porque é a que confere o carácter único aos edifícios. Uma das coisas que diferencia os edifícios dos outros sistemas de produção é precisamente isso. Cada sítio é diferente e ao dar uma resposta a um sítio particular estamos a fazer um projecto único e esse aspecto é muito interessante. Não quer dizer que não se possam fazer projectos que funcionem bem em qualquer sítio mas é mais interessante explorar o carácter específico de uma situação concreta. Mas projecto também de acordo com as experiências que tenho tido.

Desde que comecei a pensar em ser arquitecto que visito obras de arquitectura, ando sempre a olhar para edifícios, paredes, detalhes, espaços... e vou tentando perceber o que me agrada mais ou menos.

Revê-se num papel social da arquitectura?

Claro. Penso que a arquitectura se distingue das actividades artísticas precisamente por causa disso. O design existe para resolver problemas: precisamos ou queremos aperfeiçoar um objecto, ou responder a uma qualquer necessidade, e desenhamos o objecto. A arquitectura é a mesma coisa, responde sempre a questões que, mesmo que sejam muito privadas, como uma casa particular, têm sempre presença no espaço público, portanto a arquitectura tem sempre uma responsabilidade social, tem sempre que responder ao conjunto da sociedade.

Foi o segundo arquitecto português a ser distinguido com o Prémio Pessoa e também já recebeu um Prémio Valmor, entre outros.

O que é que os prémios dizem do seu trabalho?

Dizem muito. O Prémio Pessoa foi muito gratificante porque é composto por um júri que representa muitos sectores da cultura e da sociedade e isso corresponde a um reconhecimento que extravasa o âmbito da arquitectura. Nós gostamos imenso de ser reconhecidos pelos nossos pares, mas fiquei muito contente e sensibilizado com o Prémio Pessoa por essa razão, porque entendi que houve um reconhecimento geral do que eu tinha feito. É um incentivo para que continuemos a trabalhar e a lutar pelas nossas ideias.

Há diferenças marcadas entre os projectos que faz em Portugal e noutros países?

Talvez. Os sistemas e os hábitos, mesmo que seja na Europa, são muito diferentes. Em França, por exemplo, a administração tem uma organização bastante diferente da nossa. No caso do Teatro Poitier havia 35 empreiteiros, ao mesmo tempo, na obra. Em Portugal há um empreiteiro geral que subcontrata outros empreiteiros para as várias especialidades. Em França essa coordenação era nossa. Foi um contexto de obra completamente diferente que colocou algumas dificuldades porque não estávamos habituados a isso. As situações são sempre muito diversas mas temos de procurar os ambientes que estão próximos do que queremos fazer para nos sentirmos bem.

Siza Vieira disse, uma vez, que ‘nós hoje temos que procurar os sítios onde queremos a nossa arquitectura.’ Para si, África é um desses sítios?

Eu tenho um enorme fascínio pelo continente africano. Acho que tem potencialidades extraordinárias. Quando pensamos em África

pensamos num continente em que a miséria e a corrupção imperam, no entanto, se olharmos para África como um único território, ele tem o maior produto interno bruto per capita, portanto é um território riquíssimo, lindíssimo. Confunde-nos um pouco a dificuldade que temos em interagir com aquelas realidades sociais e políticas. Gostava imenso de fazer coisas em África.

Tem referências na arquitectura?

Tenho muitas. Recentemente andei a visitar os EUA. Acompanhei o Arq. Souto Moura quando recebeu o Prémio Pritzker e fizemos uma viagem pelos EUA. Andámos a rever as obras do Mies van der Rohe que são impressionantes, do Corbusier que fez quase tudo o que era possível fazer no movimento moderno. Tenho muitas referências e muitas delas contemporâneas.

Já projectou a obra da sua vida?

Acho que não. Em relação aos escritores diz-se que escrevem sempre o mesmo livro a propósito de coisas diferentes. Com os arquitectos também é um pouco assim: estão sempre a tentar comunicar, de uma forma perfeita, aquilo que pensam, em todos os projectos com que se vão defrontando. Eu tenho um pouco a sensação de que há obras que me agradam muito por uma razão, outras por outra, outras não me agradam... Há uma grande variação de sentimentos. Não posso dizer que há uma que é ‘a’ obra. Felizmente. Acho que nunca vou atingir isso sequer, vou sempre tentando a perfeição.

Em Setembro iniciam-se as novas temporadas dos teatros. A Artes&Letras apresenta-lhe duas estreias que perspectivam boas propostas para a nova época.

Israel

Há um provérbio português que diz que ‘o amor é, sempre, uma página escrita em hebraico.’ E há um texto do autor desta peça que descreve, melhor do que qualquer outro, aquilo que com ela se pretende. Pedro Zegre Penim começa com algumas negações: ‘não sou judeu nem tenho qualquer intenção em me converter. Nasci em Lisboa e, como muitos portugueses, cresci com um desconhecimento global sobre os judeus e o judaísmo. Não tenho qualquer interesse familiar, amoroso, económico, político que me possa beneficiar pelo facto de defender e gostar de Israel. Este projecto é um objecto artístico: não é propaganda, não é pedagógico, não é documental. Decidi escrever uma carta de amor a Israel ou, melhor dizendo, um espectáculo de amor. Uma declaração de amor a um suposto monstro’.



Teatro Maria Matos

Data: De 23 a 28 Setembro
 Concepção e interpretação: Pedro Zegre Penim
 Co-produção: Maria Matos Teatro Municipal/Teatro Praga



Amadeus

‘A origem de Amadeus esteve num desejo antigo de celebrar Mozart, mas a peça não é, na verdade, apenas sobre Mozart. É também sobre Salieri, compositor da corte austríaca no século XVIII. É sobre a natureza do sentido de injustiça de um homem’, afirmou Peter Shaffer, em 1992. Nesta peça, teatro, música e ficção histórica cruzam-se e são muitos os caminhos abertos pelo ímpeto de vingança de um homem, Antonio Salieri, em relação a Wolfgang Amadeus Mozart, prova viva de que ‘a música é a arte de Deus’. A partir da rivalidade que Pushkin criou entre os dois compositores na sua obra, e que inspirou a versão teatral de Peter Shaffer, Tim Carroll encena o conflito entre a mediocridade virtuosa e o génio fútil.

Teatro Nacional Dona Maria II

Data: De 8 de Setembro a 6 de Novembro
 Encenação: Tim Carroll
 Interpretação: Miguel Moreira, Diogo Infante, Carla Chambel, João Lagarto, Rogério Vieira, Manuel Coelho, Luís Lucas, José Neves e Martinho Silva

Este mês, as sugestões fogem ao cinema comercial e os realizadores não são propriamente conhecidos do grande público. Mas não deixam de ser grandes filmes. Arrisque! Por Cátia Teixeira

NO GRANDE ECRÃ

A Viagem do Director

O caminho da humanidade



Título original: The Human Resources Manager
De: Eran Riklis
Com: Gila Almagor, Mark Ivanir, Noah Silver e Reymond Amsalem
Género: Drama
Classificação: M/12
Israel, 2010, 103min

O director de recursos humanos da maior e mais famosa padaria de Jerusalém está sob pressão da imprensa. É acusado de não ter participado do desaparecimento de uma das funcionárias da empresa, uma mulher romena cujo corpo permanece na morgue por identificar. Ninguém deu pela sua falta, ao ponto de lhe continuarem a pagar o vencimento.

Numa tentativa de restaurar a imagem da empresa e a sua própria dignidade, o director viaja até à Roménia, na companhia do cadáver, em busca da família da vítima, para lhe entregar o corpo. É aqui que começa uma verdadeira jornada: um funeral de centenas de quilómetros, com várias peripécias pelo caminho. Esta comédia dramática, onde se aborda a morte dos invisíveis e as fronteiras terrestres e mentais, apresenta-nos novas realidades e mostra-nos como o mundo em que vivemos é demasiado complexo.

Vénus Negra

Uma história inconcebível



Título original: Vénus noire
De: Abdellatif Kechiche
Com: Andre Jacobs, Elina Lowensohn, Olivier Gourmet e Yahima Torres
Género: Drama
Classificação: M/12
França, 2010, 159min

Esta história parece pura ficção. É difícil imaginar que alguém pudesse exibir um ser humano como se fosse uma aberração, estudá-lo como se de um extraterrestre se tratasse, conservar os seus restos mortais como prova de que algo de anormal se passava com aquele ser... Mas este é um filme biográfico. Conta a fatídica história de Saartjes Baartman, uma mulher de uma tribo africana que, no início do século XIX, e devido às suas características físicas, foi exibida, na Europa, em espectáculos de aberrações. Depois de estudada por alguns dos mais conceituados cientistas, Saartjie morreu na miséria, em 1815. Mas o seu corpo não teve o merecido repouso. Foi doado ao Musée de l'Homme de Paris, onde os seus órgãos foram conservados em formol e exibidos até 1974. Em 2002, a pedido do então presidente sul-africano Nelson Mandela, os seus restos mortais regressaram finalmente ao seu país, onde lhe foi feita uma cerimónia fúnebre.



clássicos

O Grande Carnaval

O Grande Carnaval destacou-se por duas razões: é a única colaboração entre Kirk Douglas e Billy Wilder e é também o mais colérico e amargo dos filmes saídos do sistema de estúdio de Hollywood. Douglas interpreta Chuck Tatum, um repórter cínico e arrogante, que trabalha num jornal de uma pequena cidade do Novo México depois de ter sido despedido de vários jornais de grandes cidades. Quando vai fazer a cobertura da história de um prospector (Richard Benedict) que foi encarcerado por uma derrocada de rochas, vê a oportunidade de voltar à sua grande época. Manipula o xerife de modo

a ele retardar os esforços de socorro com a promessa de atrair turistas, gente que anda à procura de sensações e curiosos que serão parte desse emocionante drama humano. Tatum desencadeia o frenesim mediático e posiciona-se como o único repórter com direito a um exclusivo, transformando o acontecimento num carnaval. Tudo corre, horrivelmente, mal. E a causticidade verbal, típica de Wilder, acusa-nos a todos.

Título original: The Big Carnival
De: Billy Wilder
Com: Kirk Douglas, Jan Sterling e Richard Benedict
Género: Drama
Classificação: M/12
EUA, 1951, 111min

O fim do verão avizinha-se mas os eventos de música e dança continuam a aquecer as noites de Lisboa. Eis as nossas sugestões para este mês.



Festival de Flamenco de Lisboa

Dias 15 e 16 de Setembro às 21h30 no Coliseu dos Recreios

FESTIVAL Aos 17 anos, num absoluto domínio das tábuas e com um primor de veterana, Estrella Morente reinventava uma arte que parecia intocável: o flamenco. No dia 15, catorze anos depois, a artista espanhola voltará a surpreender. No dia 16 é a vez de Esther Merino nos oferecer o autêntico canto flamenco através da sua voz brilhante e vigorosa. Um festival a não perder.



Festival Música Viva

De 8 a 17 Setembro no Mosteiro dos Jerónimos, no CCB e no LuxFragil

FESTIVAL O Festival Música Viva afirma-se, no panorama nacional e internacional, como um espaço de excelência da criação musical actual e um ponto de convergência da música com a tecnologia. Na sua 17ª edição, e ao longo de nove dias, o festival tem programados cerca de 25 eventos de artistas oriundos da Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Itália, Grã-Bretanha, Polónia, Roménia e Portugal.



Enfant (criança)

Dias 21 e 22 de Setembro às 21h30 na Culturgest

DANÇA Neste espectáculo a criança é apresentada como uma matéria maleável, frágil e incontrolável. Transportados, pousados no chão, manipulados pelos bailarinos, os corpos das crianças invadem o espaço. Desta relação nasce um estranho ballet entorpecido em que se formam imagens suspensas. Progressivamente, as relações invertem-se, desfaz-se a fronteira entre grandes e pequenos. Um espectáculo de Boris Charmatz.



Six Organs of Admittance

Dia 10 de Setembro às 22h no Teatro Maria Matos

CONCERTO Ben Chasny é um dos grandes guitarristas e escritores de canções da última década. Benignamente obsessivo tanto com a melodia, como com a invenção da forma, regressa a Portugal, país que sempre o soube receber como nenhum outro, para um concerto de guitarra e voz, porventura a melhor forma de assistir a um espectáculo deste músico incontornável da América contemporânea.



Concertos em Setembro

por António Cabral

A temporada começa com três obras para grandes conjuntos de músicos: ‘Te Deum’ de Bruckner, a ópera de Mozart ‘La Finta Giardiniera’ e a ‘Criação’ de Haydn (tudo no espaço de menos de um mês). E começa também, com muito menos volume sonoro, mas não de inferior qualidade, com o Recital de Karita Mattila.

TEATRO NACIONAL DE S.CARLOS

10/9 às 21 horas

Orquestra Sinfónica Portuguesa, coro do Teatro S. Carlos, solistas (dos melhores portugueses), direcção Martin André. No Programa: Ricardo Strauss – ‘Assim Falava Zarathrusta’; Franz Liszt – ‘Valsa Mefisto’ e Anton Bruckner – ‘Te Deum’. Programa romântico onde se destaca, pela sua dimensão e qualidade, a Obra Religiosa de Bruckner.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

10/9 às 21 horas Grande Auditório

Orquestra Metropolitana de Lisboa, clarinetista Kari Krikkku e direcção de Cesário Costa. No programa; Sibelius (poema sinfónico ‘Finlandia’), Magnus Lindberg (‘concerto para clarinete e orquestra’), Scott Joplin (é o dos Rag-time, mas também escreveu óperas, como prova esta abertura de ‘Treemonisha’) e George Gerswin (‘Um Americano em Paris’)

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

17/9 às 19 horas (Grande Auditório)

Karita Mattila (s.) e Martin Katz (pn.). Con-



Karita Mattila

certo pela grande soprano Finlandesa, não a cantar trechos de ópera, mas num programa de Lied: Alban Berg / Johannes Brahms / Claude Debussy / Ricardo Strauss.

29/9 às 21 horas e 30/9 às 19 horas (Grande Auditório)

Coro e orquestra Gulbenkian; Dir. Ainars Rubikis e solistas: Ruth Ziesak (s.), Robert Murray (t.) e Neal Davies (baixo). No programa a oratória de J. Haydn ‘A Criação’. Estamos perante uma obra-prima do Classicismo e de toda a história da música.

2/10 às 19 horas (Grande Auditório)

A ópera de W.A.Mozart ‘La Finta Giardiniera’ (1975, tinha Mozart 19 anos) (legendada em português). Freiburger Barockorchester, solistas cantores e a Dir. de Rene Jacobs. A interpretação é excepcional. A não perder.

A produção nacional merece destaque nesta edição da Artes&Letras. Não deixe de apreciar espólios de colecções prestigiadas e obras de artistas reconhecidos.



MUSEU DO CHIADO

Arte portuguesa do século XX (1910-1960)

Até 5 de Outubro

Depois de ter sido exibido, e divulgado pela Artes&Letras, o núcleo fundador da colecção (1850-1910), na sequência do centenário do Museu do Chiado, está agora patente um novo momento expositivo com o segundo grande período da colectânea de arte portuguesa deste museu, que abarca obras de 1910 a 1960. Tal como na primeira mostra, pretende-se apresentar obras dos maiores artistas deste período. Desta feita, os artistas representados são Amadeo de Souza-Cardoso, Eduardo Viana, Mário Eloy, José de Almada Negreiros, Júlio Pomar, Ernesto Canto da Maia, Marcelino Vespeira, Fernando Lemos, Jorge Vieira, Nadir Afonso, Fernando Taborda e Fernando Lanhas.



MUSEU NACIONAL DO AZULEJO

O Tempo em (re)Construção

Até 16 de Outubro

A exposição 'O Tempo em (re)Construção' mostra pela primeira vez ao público a colecção de cerâmica do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian na sua totalidade. São peças originais de artistas portugueses e estrangeiros, e figuram nomes como Jorge Baradas, Querubim Lapa, Bertino, Manuel Cargaleiro, João Lopes Segurado, Francisco Brennand e Hein Semke, entre outros, associados a múltiplos de Sonia Delaunay, Fernand Léger e Picasso. A reunião deste espólio, iniciada no pós-guerra e antes da construção do próprio CAM, leva-nos numa viagem pela produção cerâmica do século XX, onde se integram alguns dos artistas, entre eles bolséis da própria Fundação, mais representativos do século passado.



MUSEU BERARDO

Pedro Cabrita Reis – One after another, a few silent steps

Até 2 Outubro

Tendo participado em numerosas e importantes exposições nacionais e internacionais e sendo considerado uma referência central na cena artística portuguesa, Pedro Cabrita Reis apresenta a sua exposição retrospectiva, intitulada 'One after another, a few silent steps'. Após o sucesso alcançado na sua apresentação na Kunsthalle de Hamburgo (Alemanha), no museu Carré d'Art de Nîmes (França) e no museu M de Lovaina (Bélgica), a mostra encerra a sua itinerância europeia na capital portuguesa, cidade onde Pedro Cabrita Reis reside e trabalha. A versão lisboeta da exposição contará com um conjunto ampliado de obras representativas do universo ímpar de esculturas, pinturas, fotografias e desenhos que caracterizam o trabalho do artista.



CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA

Vida Interrompida

Até 18 de Setembro

Esta foto-reportagem da autoria de Isabel Nery (textos) e Marcos Borga (imagens) mostra a hospitalização na perspectiva do doente: o mundo debaixo para cima. Todas as fotografias foram tiradas numa maca ou cama de internamento, de forma a retratar o que vê e sente quem precisa de cuidados de saúde. Durante três meses percorreram o Hospital de Santa Maria com o objectivo de transmitir o olhar de quem não pode ver o mundo na vertical. Para cada imagem foi escrita uma crónica que ajuda a perceber as sensações do doente. No final, os visitantes são convidados a deitar-se numa maca onde poderão ver fotografias tal como foram tiradas e ouvir uma crónica em voz off, lida por Fernando Alves, da TSF. Uma experiência que ajuda a compreender a sensação de dependência e de perda de poder perante o mundo.

LÁFORA

De tesouros da Idade Média até obras de artistas contemporâneos, a oferta dos principais museus europeus é extremamente diversificada. Aqui ficam algumas sugestões.



Museo Thyssen-Bornemisza, Madrid

Antonio Lopez

Até 25 de Setembro

Esta exposição é quase autobiográfica. São os olhos de Antonio Lopez no seu próprio trabalho. Quase metade das 140 obras expostas foram directamente do seu estúdio para a sala da exposição, criando uma representação completa da obra do artista espanhol que é considerado o herdeiro da obsessão. Não há uma ordem cronológica. São peças dos últimos 20 anos, dispostas num caminho que vai para frente e para trás no tempo. Pinturas, desenhos e esculturas, os três géneros que cultivou ao longo da sua carreira, estarão reunidos com fotografias da sua cidade natal, Tomelloso.

Museu Rainha Sofia, Madrid

Lygia Pape

Até 3 de Outubro

O abandono da geometria específica (1959) marcou o início da arte contemporânea brasileira. Lygia Pape é uma das mais importantes artistas brasileiras desse período e de todos os tempos. Esteve no epicentro da mais inventiva vanguarda surgida no Brasil, nos anos 50/60, ao desenvolver uma nova percepção na qual o fundo não se restringe à posição de suporte. A sua obra é conhecida por contrastar com a regularidade dos relevos da época e por estar em constante mutação.



Museu do Louvre, Paris

Iluminuras da Idade Média ao Renascimento

Até 10 de Outubro

Durante vários séculos, e mesmo após o desenvolvimento da impressão, os livros eram escritos à mão, em pergaminho decorado com ornamentos de cenas figurativas e iniciais animadas. Eram cuidadosamente pintados em cores brilhantes, e às vezes enriquecido com ouro. Esta colecção oferece uma oportunidade única de apreciar o requinte das obras de Lorenzo Monaco, Jean Fouquet, Vrelant Guillaume, Simon Bening e Clovio Giulio.

PORTO

Em Setembro, no Porto, há ópera, diálogos entre música e arquitectura e ainda muita cidade para descobrir! Por Maria João Duarte.

Exposições, Seminários e Conferências:

SERRALVES: 'Henri Chopin e a Revista OU'. H. Chopin (1922-2008) foi artista pioneiro da poesia sonora, poeta visual, ensaísta e editor da revista 'OU' (até 18). 'A Razão das Coisas', fotografias de Gérard Castello-Lopes e J.M. Rodrigues (até 7 out). 'Conservação e Prevenção de Arte Contemporânea: Controlo Integrado de Infestações' (24).

CASA DA MÚSICA: 'A Música no Espaço: Diálogos entre Música e Arquitectura' (9) com arquitectos, cenógrafos, encenadores, compositores, psiquiatras, musicólogos e teólogos (A. Alves Costa, J. Mendes Ribeiro, J.P. Xavier, N. Grande, N. Carinhas, Ant^a Chagas-Rosa, R. Vieira Nery, J. Machado Vaz, R. Pereira, C. Pontes-Leça, N. Higinho): A música no espaço cénico, no espaço sacro, no espaço do cinema; Espaços, sons, afectos; O sonho americano na arquitectura e na música. 'No meio da orquestra': Imagine um grande círculo onde o maestro está no centro e o público e os músicos numa grande plateia circular em seu redor (10). Pode um som definir um espaço? Designers e engenheiros de som, músicos, compositores e outros interessados no 'espaço sonoro' são convidados a debater esta e outras questões durante a 3^a edição do KISS 2011 - Kyma International Sound Symposium (15 a 18).

Música

SERRALVES: Toshimaru Nakamura, improvisação electroacústica actual + Andrea Neumann, pianista + Manuel Mota e Daniel Worm, guitarra (18). **COLISEU:** 5^a Sinfonia de Beethoven (18), **CASA DA MÚSICA:** Orlando Santos & Jahmmmin, reggae/soul nacional

(9) Gisela João, fadista (13) 'Couple Coffee', projecto da cantora Luanda Cozetti e do baixista Norton Daiello (15), 'O Génio de Beethoven' (23) 'Responsórios das Trevas', motetes renascentistas para a Semana Santa de Tomás Luis de Victoria (25) Ricardo Pinheiro Quinteto (4 out). **HARD CLUB:** Anna Calvi (12) In Flames + Noctiferia (13) Mr. Big (26)

Ópera

COLISEU: 'Sansão e Dalila' de Camille Saint-Saëns (30 e 1 out). **CASA DA MÚSICA:** 'Das Rheingold', O Ouro do Reno - Ring Saga, composições de Richard Wagner versão de Jonathan Dove e Graham Vick (16 a 18): as 4 óperas do 'Anel do Nibelungo' são interpretadas durante o fim-de-semana. O prólogo 'O Ouro do Reno' (16); os 2 1^{os} capítulos 'A Valquíria' e 'Siegfried' (17) e o último capítulo 'O Crepúsculo dos Deuses' (18).

À Descoberta do Porto

Percorrer a pé algumas áreas do Porto é a melhor forma de as descobrir. Pode inscrever-se, por exemplo, no site: www.visitporto.travel, descarregar aí ficheiros MP3 ou partir, sozinho ou em grupo, e visitar algumas coisas que, todos os meses, iremos propor **ESTAÇÃO DE S. BENTO**, princípio do séc. XX, da autoria do arq. Marques da Silva, ergue-se no local do antigo Convento de S. Bento de Avé-Maria. Tem com cobertura de vidro e ferro fundido e o seu átrio está revestido com vinte mil azulejos do pintor Jorge Colaço que ilustram a evolução dos transportes e cenas da história e vida portuguesas.

‘Os lindos braços da Júlia da farmácia’, de Rentes de Carvalho, e ‘Por este mundo acima’, de Patrícia Reis, são dois livros de escritores portugueses contemporâneos. Juntei estes dois autores por aquilo que os separa e por aquilo que os une. Aquilo que os separa é, primeiro, a idade: Rentes de Carvalho, 81 anos, tem praticamente o dobro



Rentes de Carvalho

Os Lindos Braços da Júlia da Farmácia

Rentes de Carvalho nasceu em Vila Nova de Gaia mas saiu de Portugal em 1956 por motivos políticos. Viveu no Rio de Janeiro, São Paulo, Nova Iorque e Paris mas foi em Amesterdão que se licenciou e foi docente de literatura portuguesa, entre 1964 e 1988. Já aqui falámos

da sua obra ‘Ernestina’; agora evidenciamos ‘Os lindos braços de Júlia da farmácia’. Neste livro, composto por trinta e três contos, de diferentes tamanhos, o autor apresenta histórias extraordinárias que transformam o livro no mais interessante entre todos os que publicou.



Os Lindos Braços da Júlia da Farmácia

Rentes de Carvalho
Quetzal, 2011

da idade de Patrícia, 41 anos, e segundo, a autora escreveu sempre em português enquanto que Rentes de Carvalho publicou em holandês. Aquilo que os une é a evolução qualitativa da sua escrita ao longo dos tempos: qualquer um destes livros é o melhor dos escritores, até ao momento. Por José Mendonça



Patrícia Reis

Por Este Mundo Acima

Patrícia Reis tem vindo a melhorar a qualidade da sua escrita a cada novo livro. Tenho acompanhado o seu percurso desde 2004 e li cinco romances e duas novelas da autora. Esta é, sem dúvida, a sua obra mais interessante. As personagens aparecem, e desaparecem,

e voltam a aparecer num enredo mais rico que o anterior. ‘Por este mundo acima’ é, sobretudo, um relato de vidas, onde se começa jovem e se acaba velho. Um romance muito simpático onde os momentos principais da vida estão sempre presentes: o amor e a morte.



Por Este Mundo Acima

Patrícia Reis
Dom Quixote, 2011

Gonçalo Wahnnon volta a colaborar nesta rubrica com sugestões muito pessoais. Veja se se revê nas suas opiniões e motive-se para seguir as propostas apresentadas...

Um livro da minha vida

GONÇALO WAHNON



Jorge Luís Borges

O Fazedor

De Jorge Luís Borges gosta-se de tudo. É um escritor mágico, genuíno, senhor de uma escrita pessoalíssima e original, facilmente identificável pela forma curta, sucinta, poética de se expressar e por um conteúdo rico, erudito, manobrando labirintos e espelhos, tecendo com maestria parábolas, paradoxos e demais temas recorrentes neste escritor a quem a cegueira não retirou o génio, como a surdez não a retirou a Beethoven. Um dia disse que imaginava o Paraíso como uma imensa biblioteca. Não podia ser mais claro! Aliás nenhuma outra coisa se podia esperar de alguém que durante a vida toda foi um ávido leitor de enciclopédias, ao ponto de escolher qual a sua edição preferida da Enciclopédia Britânica. Certamente que este saber enciclopédico, aliado a uma excelente memória, tornaram-no naquilo que ele foi: um genial criador, prolixo e original.

Leio O Fazedor como o arquétipo da sua obra. Não é um dos livros de referência para isso leia-se o Aleph ou Ficções mas o autor disse deste livro que de quantos publicou, nenhum é tão pessoal como esta desordenada, indisciplinada colectânea, porque fértil em imagens e interpolações. O tempo, a memória, os sonhos, os espelhos, são temas que neste livro surgem caoticamente e que sempre perseguiram Borges; e Borges em todos os outros a eles volta ou voltou, brincando com eles, não os largando, alimentando-se desse jogo de reflexos que a vida lhe dá, presenteando-nos com sonhos e memórias tecidos no labirinto da sua imaginação e exibindo-os com um máximo de erudição.

Agrada-me este livro de contos curtos, tão curtos que qualquer palavra a mais faz-lhe perder o equilíbrio e o rigor. Ao folheá-lo e lendo estas histórias avulso, sei que nas suas páginas vou encontrar o meu próprio reflexo lendo estas histórias avulso, como tantas vezes o fiz anteriormente. Borges faz-nos personagens involuntários dessas repetições lógicas do seu mundo pessoal, neste eterno retorno. Tantos nos contos como na poesia.

Leia-se O Fazedor e de seguida mergulhe-se em toda a obra de Jorge Luís Borges. Uma vez entrados nesse labirinto, nunca mais de lá se sai. E ainda bem!



O Fazedor

Jorge Luís Borges
Companhia das Letras,
1966

Um filme da minha vida

GONÇALO WAHNON



Paulo Rocha

Verdes Anos

O que eu gosto do “Verdes Anos”? São os verdes anos dos jovens personagens, aprendendo a vida; são-no, também, do novo cinema português que começa, de facto, com este filme de imensa habilidade nos planos, na composição e nos diálogos (de Nuno Bragança); são os verdes anos numa cidade que cresce por novas avenidas e que nos é mostrada através duma arquitectura moderníssima que se vai impondo – a novel avenida dos EUA, onde se passava a acção, a Suprema, o Va-Vá e demais cafés, onde o lisboeta se encontrava e novas ideias se trocavam, ou a novíssima loja Rampa, já mais que desaparecida, na cidade velha que é a Baixa. Dizia Paulo Rocha, o realizador, que certa vez fora à Cinemateca exibir este filme e a sala estava pejada de arquitectos. Pois pudera! Sensibilidade e inteligência não lhe faltaram para mostrar a cidade moderna que ia aparecendo à época (início de 60). Mas a estes Verdes e novos Anos – dos personagens e da cidade – contrapõe-se o campo, visível, neste bellissimo filme, ao fundo da... avenida dos EUA. Parte da acção decorre aí, nos terrenos baldios ao lado da cidade, o fora de portas onde então ainda se vivia, e se ia namorar e passear. Uma cidade nova e de novas mentalidades, mas tudo, ainda, muito simples e singelo como o namoro entre o rapaz da província – que não se adapta à vida da cidade, com os seus códigos e regras – e a sopeirinha. O novo cinema português mostrando-nos uma história velha como o mundo, mas com um olhar fresco e cativante, como se fosse aquela a primeira vez para todos nós, espectadores.

E, depois, existem imagens que não se esquecem. O plano único e magnífico daqueles dois dançando no clube, a câmara e nós acompanhando-lhes os passos e o ritmo ao longo da sala, ela ensinando-o a ele, o realizador ensinando-nos a nós. Ou a vida subterrânea, imutável, do sapateiro que vê o mundo da sub-cave onde trabalha, olhando aquela cidade que se vai fazendo vertical através duma janela tão horizontal quase ao nível da rua, observando os verdes anos dos outros.

O filme é uma delícia!

É-se avesso ao cinema português. Por preconceito, diria eu. Perguntem-me, hoje, que filme gostaria de ter realizado e eu responderia: “Verdes Anos”!



Verdes Anos

de Paulo Rocha,
1963



Betar

**38 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM A ARQ. CARRILHO DA GRAÇA**

**EDIFÍCIO CONDENSE,
CALÇADA DO COMBRO, LISBOA**